



CANTATE · DOMINO
CANTICVM · NOVVM

SOCIEDADE
CORAL DE
L I S B O A

SOCIEDADE CORAL DE LISBOA

Foi no Ano Aurco de 1940 que a Sociedade Coral de Lisboa se apresentou ao público, interpretando, por incumbência da Comissão Executiva das Festas do Duplo Centenário, no Acto Solene de Sagres, a Missa Solene de Frederico de Freitas, depois repetida na Festa Missionária realizada na Secção Colonial da Exposição do Mundo Português.

Nos serões Medieval e Manuelino, realizados em espectáculos de gala no Teatro D. Maria II, foram ainda elementos da Sociedade Coral de Lisboa que interpretaram a parte vocal dos respectivos programas.

A Sociedade Coral de Lisboa foi fundada pelo Maestro Frederico de Freitas. Os trabalhos preliminares de organização devem-se a ele e a uma comissão composta pelas Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Elisa de Sousa Pedroso, D. Laura Wake Marques, D. Ana Bierman de Brito Aranha e D. Consuelo Fernandez de Freitas. Em 1941, no Teatro Nacional de S. Carlos, apresentou-se a Sociedade Coral de Lisboa pela primeira vez, oficialmente, em três concertos, com a Magnificat de J. S. Bach e a Missa Solene de Frederico de Freitas.

Desde então a Sociedade Coral de Lisboa, dirigida artisticamente pelo Maestro Frederico de Freitas, apresentou em Lisboa e no Porto, em primeira audição integral, o Elias de Mendelssohn, o Stabat Mater de Pergolesi, O Dilúvio de Saint-Saëns, fragmentos da Oratória do Natal de Bach, o Messias de Händel, Invocação dos Lusíadas de Viana da Mota, Canto do Advento de Schuman, Nona Sinfonia de Beethoven, e agora, o Requiem de Fauré.

É justo assinalar, nesta pequena resenha em que sucintamente se foca a vida da Sociedade Coral de Lisboa, o apoio que desde o início tem recebido da Emissora Nacional.

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

22 de Maio de 1947, às 21,45 horas

15.º CONCERTO

da

SOCIEDADE CORAL de LISBOA

em colaboração com a

ORQUESTRA SINFÓNICA NACIONAL

com os cantores

ANA BIERMAN DE BRITO ARANHA,
VIOLANTE MONTANHA E JOSÉ LISBOA

sob a direcção do maestro

FREDERICO DE FREITAS

P R O G R A M A

1.ª PARTE

REQUIEM *Gabriel Fauré*

- I — INTROITO ET KYRIE — Coro
- II — OFFERTOIRE — Barítono e Coro
- III — SANCTUS — Coro
- IV — PIE JESU — Soprano
- V — LIBERA ME — Barítono e Coro
- VI — IN PARADISUM — Coro

Solistas: VIOLANTE MONTANHA e JOSE LISBOA

2.ª PARTE

AS SETE PALAVRAS DE NOSSA SENHORA . . . *Frederico de Freitas*

*Cantata para voz de soprano e orquestra sobre texto poético do
P.ª MOREIRA DAS NEVES*

- I — PRELÓDIO
- II — DO CÉU A NAZARE (Primeira e Segunda Palavra)
«COMO PODE ISTO SER SE EU NÃO CONHEÇO VARÃO?»
«EIS AQUI A ESCRAVA DO SENHOR! FAÇA-SE EM MIM SEGUNDO A
VOSSA PALAVRA!»
- III — KAREM: CASA DO PROFETA (Terceira e Quarta Palavra)
«SAUDOU ISABEL...»
«A MINHA ALMA ENGRANDECE AO SENHOR!»
- IV — CAMINHO DE JERUSALÉM (Quinta Palavra)
«FILHO, POR QUE NOS FUGISTE ASSIM? TEU PAI E EU ANDAVAMOS
À TUA PROCURA, CHEIOS DE ANGÓSTIA.»
- V — HORA DO PRIMEIRO MILAGRE (Sexta e Sétima Palavra)
«NÃO TEM VINHO...»
«FAZEI TUDO O QUE ELE VOS DISSER.»
- VI — O CÂNTICO DO SILÊNCIO (Epílogo)

Solista: ANA BIERMAN DE BRITO ARANHA

AS SETE PALAVRAS DE NOSSA SENHORA

POEMAS DO P.ª MOREIRA DAS NEVES



DO CEU A NAZARÉ

Primeira e Segunda Palavra

I

Vem na Bíblia Santa, Galiléia. Um dia,
já no fim da tarde, quando o sol morria,
era a terra um berço. Nazaré dormia.
Nazaré sonhava.

Nem um surto de asas. Mil milhões de estrelas
eram infinitas procissões de velas
em que a lua branca num andar passava...

E o luar nascia por detrás dos montes,
a cobrir caminhos, descampados, fontes,
árvores, areias do oriente loiro.

De repente abriu-se sobre o azul profundo
um clarão tão puro, que lembrava ao mundo
astros explodindo num dilúvio de ouro.

Eis o Anjo Heróico do Senhor que vem,
todo em luz e neve, do formoso Além,
entregar, à Virgem, divinal mensagem.

Serafins do espaço, ponde-vos à espreita!
Vai falar o Anjo Gabriel à Eleita
do Senhor. Ouvi-o em sua voz de aragem:

— Avé, Maria, Senhora,
cheia de graça e de aurora!

Pequenino é o Teu abrigo,
mas o Senhor é contigo!

Cheia de graça e de aurora,
avé, Maria, Senhora!

E assustou-se a Virgem como um passarinho
na pureza intacta e Augusta do seu ninho,
Nazaré dormente sob o luar risonho.

Recolhendo as asas, perfumando o ar,
disse o Anjo, numa voz sem par,
com palavras feitas de mistério e sonho:

— Não tremas, só por me veres,
ó Bendita entre as mulheres.

Poseste os olhos nos céus
e achaste a graça de Deus.

Hás-de dar um filho à luz
a quem chamarás Jesus.

E Jesus há-de ser rei
dum reino que nem eu sei...

Ora, a Virgem Doce, com o peito arfando,
disse ao Mensageiro, num murmúrio brando:

— TUDO QUE DIZES É VÃO,
POIS NÃO CONHEÇO VARÃO!

II

E replica o Anjo à Virgem Nazarena,
como um astro de ouro sobre uma açucena:

— És a primavera
sempre cristalina.
O que em Ti se opera,
Deus o determina.

E Maria, extática, ajoelhada e santa,
cruza as mãos no peito. Fecha o olhar e canta:

— Eis aqui a escrava
Do Senhor, meu Deus,
A florinha brava
Sob a luz do deus!

Dentro em mim se faça
Como só Deus quer.
A Divina Graça
Me há-de proteger!

Sobre o azul cresceram astros em cardume.
Nas lareiras pobres acordara o lume.
Sobre a terra abriram umas de perfume.
Concebeu a Virgem. Deus a nós se uniu.

Através da noite de luar albeite,
por atalhos brancos do Jardim Florente,
vitoriosamente
Gabriel partia...

KAREM: CASA DO PROFETA

Terceira e Quarta Palavra

I

Ninguém sabe como fora
Que a Virgem, Nossa Senhora,
saudara, um dia, sua Santa Prima.
— Talvez em verso de doirada rima...

Talvez orando, com as mãos erguidas...
Talvez cantando, com a alma em prece,
como A vemos, às vezes, nas ermidas,
como às vezes no céu nas aparece...

Talvez orando...

Talvez falando como as ondas falam
no mar, quando, ao luar, a Deus invocam.
— Há murmúrios que embalam
as almas que se tocam...

Algum dia jamais se decidiu
o sentido imortal da Letra Santa.
Quis dizê-lo S. Lucas, mas ficou
com a palavra morta na garganta...

E foi tão doce a voz da Virgem, entre
os silêncios intactos de Israel,
que despertara o Precursor no ventre
(fecundo, por milagre) de Isabel.

E o deserto gritou além, além!
E a voz da noite uniu-se à voz do dia:
— Louvada seja a glória de ser mãe!
Bendita sejas Tu, ó Flor do Bem!

Avé, Maria!
cheia de graça e de aurora!
Avé, Maria!

II

Ouçamos toda a alma do universo,
— a voz do tempo e as vozes do infinito,
o cântico dos astros, verso em verso,
o tormento dos mundos, grito em grito!

Todas as vozes juntas na harmonia
da natureza que ao Senhor se eleva,
desde o clamor do sol, em pleno dia,
aos soluços da noite, em plena treva:

Todas as vozes, numa voz apenas,
atravessem as formas e as essências,
o céu e a terra, as solidões serenas,
e o turbilhão de fogo das consciências!

E tudo será nada
ao pé daquela fala recatada,
milagre de humildade entre fragrâncias,
com que Nossa Senhora Imaculada
cobriu de glória os tempos e as distâncias.

A minha alma engrandece ao Senhor.

E o meu espírito se perde no deslumbramento
de Deus, Meu Salvador.

Porque Ele quis olhar para a humildade da sua
serva: e por isso todas as gerações me chama-
rão Bem-aventurada.

Porque em mim fez maravilhas aquele que é Todo
Poderoso; Aquela cujo nome é santo;

Aquele cuja misericórdia se espalha, de idade em
idade, sobre todos os que o temem;

Com a força do seu braço, destruiu o orgulho dos soberbos.

Derribou a prepotência dos tronos imperiais, exaltou as pobrezaas obscuras:

Deu fortuna aos mendigos, e aos ricos, despojou-os de todas as vaidades.

Magnificat!

Lembrado da sua misericórdia, recolheu Israel debaixo do seu manto.

Segundo a promessa que fizera aos noivos pais, a Abraão e à sua gente, para sempre!

Magnificat!

Magnificat!

CAMINHO DE JERUSALEM

Quinta Palavra

Olhando em derredor,
apesar da grande multidão,
Ela, que era mãe,
não viu ninguém.

E não gritou, pois lhe parara o coração no peito.
Faltava-lhe Jesus, e Jesus o seu Filho,
Eternamente Eleito.

De repente, duas labaredas se acenderam nas suas
pupilas,
Como se dois vulcões rebentassem de duas lagoas
tranquilas.

Todas as trevas se concentraram no abismo da sua
alma forte.
E a sua consciência, calma e pura como a Estrela
do Norte,

Quando a noite caiu, num veludíneo silêncio de
virgem langue,
Sentiu-se atravessada de espadas e coberta de suor
de sangue.

Sem que os lábios se lhe abrissem num desafogo
de sílabas descojuntas,
Começou a plantar, dentro dela própria, uma floresta
de perguntas.

AOS CAMINHOS:

Ó vós que conheceis os pés dos mendigos e dos
heróis,
Que passaram por vós, carregados de farrapos ou
de sóis,

Não sentis, no mistério desta hora, trilho em trilho,
A doçura infinita do rasto de meu Filho?

AOS POÇOS E AS FONTES:

Ó vós que guardais o sangue das veias da terra
profunda,
E as lágrimas do céu, com que o céu nos inunda;

Vós que reflectis o corpo dos astros e aceitais os
beijos da luz;
Não vos pediu a estrofa dum gote de água à
boca de Jesus?

AS ARVORES:

Ó vós que bebeis orvalho e sóis, debaixo da neve,
a imagem das noivas que estão para casar,
Não sentistes que, sob os vossos ramos, de encontro
aos troncos nus,
Se tenha encostado, fatigado e arfante, o corpo
de Jesus?

E AOS VENTOS pediu:

Traze-me um eco da voz d'Aquele que eu trouxe
em mim,
Como tesouro imaculado num sacrário palpitante
de marfim,

Ou levei-me ao Seu encontro, em místico transporte,
Mesmo que seja para além dos mundos, ou para
além da vida ou para além da morte!

E enquanto a Virgem erguia no seu coração, con-
tra a terra e o céu, estes pensamentos,
Não lhe responderam os caminhos, nem as fontes,
nem as árvores, nem os ventos.

Mais jornada, mais interrogações, mais angústias
de mãe,
Até que chega, de novo, às portas do templo de
Jerusalém.

A claridade transborda. Ressoa, lá dentro, um cín-
tico de luz.

Entre os Doutores da Lei Antiga, mudos como
sombrias espantadas,
Está Jesus!

Está Jesus, Verbo de Deus, Senhor das harmonias
e das alvorçadas.
E Nossa Senhora, transfigurado agora Seu olhar
limpido e triste,

Alvorçadamente, diz apenas:
FILHO, POR QUE NOS FUGISTE?

HORA DO PRIMEIRO MILAGRE

Sexta e Sétima Palavra

I

Canã. Hora de luz sacramental.
Boda de casamento quase ao fim.
Canã!
Bailam, nas almas, brancas alegrias.

Jesus assiste. Há cheiros de rosal,
aromas embriagantes de alecrim
e castas ambrosias.
Canã!

A certa altura,
diz de mansinho
a Virgem:
SENHOR, JÁ NÃO HÁ VINHO!

II

Para que a luz de Deus resplandecesse
no primeiro milagre do Senhor;
para que fosse realizada a prece
da Virgem, horto de oiro sempre em flor;

Para que houvesse vinho novamente,
nessa hora de céu em primavera,
e vinho como nunca outrora houvera
nas terras crepitantes do Oriente,

Bastou que a Virgem, apontando Cristo
mandasse apenas:
— FAZEL, EM TUDO, O QUE ELE VOS
DISSER!

EPÍLOGO

O Cântico do Silêncio

Vai Cristo para a cruz. Leva no rosto,
pintado a sangue, o ósculo de Judas.
Em toda a terra a hora é de sol-posto.
O céu é mar fechado em trevas mudas.

Vejo a turba alucinada.
Vejo Cristo passar no meio de alas.
— E Tu, Senhora, vais tão calada!
Senhora Nossa, por que não falas?

Sei que Jesus padece mil tormentos
anunciados pelas Profecias.
Correm blasfêmias no furor dos ventos
E lágrimas nos olhos das judias.

Sei que dentro de Cristo, a dor caminha,
caminham labaredas infinitas...
— E Tu, Senhora, vais tão sózinha!
Senhora Nossa, por que não gritas?

Oíço vibrar sarcasmos entre açoites
e a loucura da turba a rir, a rir!
Ergue-se a cruz. E sobre a cruz tombam as noites
dos séculos que foram e hão-de vir.

Espantam-se no mar as ondas tristes.
Rasgam as nuvens trovoadas soltas.
— E Tu, Senhora, que a tudo assistes,
guardas silêncio, não Te revoltas?...

E NOSSA SENHORA responde:

Nesta procela sem fim
que os céus e os mundos abala,
tudo que há dentro de mim
é ternura que não fala.

Nesta tragédia sem calma,
que os próprios mortos agita,
o que trago dentro de alma
é piedade que não grita.

Todas as vozes reanidas
numa só voz vingadora
seriam forças perdidas
ou astros lançados fora.

A dor
é quando guarda silêncio
que atinge a glória do Amor!

NOTAS SOBRE O PROGRAMA

PELO

DR. D. JOSÉ BLANC DE PORTUGAL

GABRIEL URBAN FAURÉ

(1845-1924)

REQUIEM

Op. 48 (1887)

Gabriel Fauré (Pamiers 1845 † Paris 1924) foi aluno de Saint-Saëns na Escola de Niedermeyer. Organista durante algum tempo em Rennes e depois em Paris (S. Sulpice, St. Honoré, Madeleine) de onde seu mestre o levou a Weimar para a famosa primeira representação do *Sansão e Dalila* e para o apresentar a Liszt a quem o facto se devia, sucedeu a Massenet na cadeira de Composição do Conservatório de Paris de que foi finalmente director até 1919.

O público que geralmente admira as suas maravilhosas obras para canto e piano, só pouco a pouco se foi apercebendo de que em Fauré está um dos mais puros representantes do génio musical francês no que este tem de mais típico e mesmo de mais profundo. Numa comparação querida de Dumesnil e que ainda há pouco o filósofo e musicólogo Jankélévitch lembrava entre nós, afirmou-se que o «caso de Fauré» é de certo modo análogo ao «caso Brahms». «Tanto um como outro encarnaram, por assim dizer, nas suas obras, a alma musical de suas pátrias e, por forma tal, que não há génio mais especificamente francês do que o de Fauré, nem mais especificamente alemão do que o de Brahms». Casos como estes não são invulgares nas literaturas nacionais e o caso, para nos não afastarmos da França, de Jean De La Fontaine, citado por José Osório de Oliveira em *Uma Cultura Francesa*, que muitos dos melhores franceses escolheriam para representar o génio literário da França, é um dos típicos; menos vulgares na música, parecem-nos apenas preconceituosos no «caso Fauré».

Fauré teve a sua hora de sucesso mundano, mas nunca foi nem quis ser um dominador de multidões. Para entrar no Instituto houve que mover as habituais recomendações (conhecesse o bilhete de Saint-Saëns — que mais parece uma ordem —, publicado por Marc Pincherle e dirigido a um «ilustre desconhecido», indicando-o para a eleição). Quando morreu, o então Ministro da Instrução da França, com a omniçiente ignorância de certos dirigentes, perguntou a quem lhe podia para Fauré a honra devida dos «funerais nacionais»: «— mas quem é esse Sr. Fauré? ...».

«Esse Sr. Fauré» é hoje por todos considerado um génio musical francês e universal. A sua arte consumida da melodia, das harmonias muito pessoais instruídas pelo modernismo que tão familiar lhe era, da interpretação profundamente poética, garantem a permanência da sua grande obra. Tem-se cantado em todos os tons a graça e a finura de Fauré mas por demais se esquece a força de *Prometeu* e *Penelope* e a verdadeira e cristianíssima grandezza do seu *Requiem* (aliás «lírio litúrgico», pois o texto está *retocado*), esse poema de serenidade que traduz com transparente originalidade a paz da alma perante o repouso... essa concepção da morte que é a da Igreja, que não deseja a seus filhos senão o repouso e a luz» (René Aigran).

E esse «sublime *Requiem*» (P. Landormy) que iremos ouvir hoje pela primeira vez em Portugal e cada vez mais se ouve em todo o mundo. Que nos lembremos, de há menos de dois meses para cá, esta obra capital de Fauré foi radiofundida de Paris, de Madrid e de Londres (sob a direcção de Sir Thomas Beecham com o famoso *Sheffield Choir* e a Orquestra da *Real Sociedade Filarmónica* de Londres). Lisboa vai ter agora a honra de enfileirar entre essas grandes capitais.

Dois factos apenas ainda sobre a vida do mestre do *Requiem*. Os últimos trinta anos da vida de Fauré foram-lhe penosíssimos. Uma cruel surdez tornava-se-lhe cada vez mais acentuada. Não só ouvia pouco como ouvia *mal* — os sons ouvia-os ou mais altos ou mais baixos do que eram executados. Toda a última maneira da sua produção se desenvolveu nessa medonha surdez, talvez pior que a de Beethoven.

Fauré foi um mestre notável no Conservatório. Foram seus alunos, entre outros, Ravel, Florent Schmith, Enesco, Koehlin, Louis Aubert, Casella, Jean Huré e Roger Ducane!!

• • •

A missa de *Requiem* de Fauré teve a sua primeira audição em 1890 na Igreja da Madalena, em Paris. Escrita para coro, órgão e orquestra, admite duas vozes solistas: um soprano e um barítono. A orquestra é reduzida e geralmente trabalhada como um «coro instrumental» (Maurice Emmanuel) dominado pelos violoncelos e pelas violas. A sugestão da melodia gregoriana é nítida, mas muito pessoal e sempre magnificamente tratada.

Sigamos pela análise de Maurice Emmanuel o conteúdo musical desta obra-prima.

- I — INTROÍTO E KYRIE. O *Requiem* inicial e o *Kyrie eleison* servem-se do mesmo tema. No final repete-se o *Requiem*, sendo pois o trecho enquadrado simetricamente.
- II — OFERTÓRIO. Os contraltos e os tenores entoam, em cânone, *O Domine Jesu Christe*. O barítono-solista canta o *Hostias et preces*. O coro retoma *O Domine Jesu Christe*.
- III — SANCTUS. O órgão oferece a base sonora para as harpas e violas que harpejam acordes sustentando o coro.
- IV — PIE JESU. A melodia, dum admirável serenosidade, é confiada a um soprano-solista.
- V — AGNUS DEL I Para os tenores. II Para coro. III Para tenores. Encadeado com o *Communio* («lux aeterna») do qual o *requiem aeternam* relembra o tema do *Introito*.
- VI — LIBERA ME. Canto responsorial (alternâncias de coro e repetições solistas). O barítono-solista canta as primeiras palavras (*Libera me, Domine...*). O coro entra em *tremens factus sum*, continua com o *deus illa* em que as vozes exprimem uma passagreira exaltação que vai serenar no *requiem aeternam* e se confirma no *libera me*.
- VII — IN PARADISUM. Para sopranos com apoio do coro sobre as palavras *Jerusalem* e *Requiem*. As harpas, as cordas e o órgão são os únicos instrumentos da orquestra usados neste trecho.

FREDERICO DE FREITAS

AS SETE PALAVRAS DE NOSSA SENHORA

CANTATA

Frederico de Freitas nasceu em Lisboa em 15 de Novembro de 1902. No Conservatório Nacional, em Lisboa, frequentou as classes de piano e violino, concluindo o Curso Superior de Composição e ganhando em 1926 o respectivo Concurso Nacional (com a mais alta classificação) apresentando o seu belo *Nocturno* para violino e violoncelo. Anterior porém é a sua magnífica *Sonata*, também para violino e violoncelo (1923) — que pode ser apontada como um dos primeiros exemplos de politonalidade e poliritmia conscientes que se devem notar na música portuguesa —, bem como o *Poema sobre uma Eclôgia de Virgílio* (a oitava), para orquestra de arcos, obra que abre uma das linhas evolutivas do compositor — a da música de câmara — culminada actualmente com o grande *Quarteto Concertante* («Prémio Domingos Bomtempo»). Da mesma época datam a 1.^a *Sonata* para violino e piano, o *Allegro Appassionato*, outro *Nocturno* e a *Berenice* para o mesmo ducto instrumental. Aguarda ainda audição pública a sua 2.^a *Sonata* para violino e piano, escrita recentemente e bem digna de enfileirar na obra já muito vasta do autor da *Dança da Menina Tonta*.

Mencionando este bailado — o mais genuíno êxito da companhia de bailados portugueses *Verde-Gato* — apontamos a segunda linha evolutiva de Frederico de Freitas: a da música de bailado. Depois de composta a ópera simbólica *Lusior* (prólogo e dois actos sobre libreto do violinista Luís Silveira), Frederico de Freitas planctu a organização dum grande companhia de bailados, seguindo o caminho iniciado pela sua *Lenda dos Bailarinos* (segundo a conhecida lenda medieval, na versão do nosso clássico Manuel Bernardes). Dessa época datam os seus enermes êxitos no teatro ligeiro. Esta divagação que não era feita propriamente no seu meio, longe de embotar a sua evolução artística, deu-lhe uma elasticidade e mestria de técnica que mais tarde se viria a confirmar em obras como os bailados *Nazaré*, o *Muro do Drenete* (com argumento do poeta Carlos Queirós) e sobretudo no colorido *Bibataje* e na já citada *Dança da Menina Tonta* a que se seguiram as *Imagens da Terra e do Mar* ideadas cénicamente por António Ferro.

Não tendo aqui a pretensão de raguear a sua obra, consideremos a sua mais recente linha evolutiva: a da música de inspiração religiosa que teve o seu primeiro grande padrão na *Missa Solene*, em ré maior, para quarteto solista, coro e grande orquestra, executada pela primeira vez (em condições precárias e fragmentariamente) em Sagres, numa cerimónia oficial das Comemorações Centenárias de 1949.

Se o problema da composição de uma obra de tal envergadura não foi totalmente resolvido (na própria opinião do seu Autor) há nessa grande *Missa* páginas de perfeita realização e pura inspiração como, para não citar outras, as do *Agnus Dei*.

A sua nova e extensa obra de assunto mariano, a cantata *As Sete Palavras de*

Nossa Senhora, tem o seu texto poético no poema do mesmo título do P.^a Moreira das Neves publicado em 1928 como «cantata, seguida de outros versos marianos». Com efeito, desde há muito que Frederico de Freitas planeava a obra para que o Poeta encontrasse o assunto e a forma literária inspirada nas palavras de Nossa Senhora a que os evangelistas S. Lucas e S. João conservaram e S. Bernardino de Sena relembrou num famoso sermão.

A composição musical da vasta composição foi propriamente iniciada em 1935 e a maior parte da sua escrita data dos anos de 1936 a 1939, mas o seu epílogo (*Canto do Silêncio*) foi composto em 1946, quando todo o conjunto toma a sua forma definitiva.

Sendo preferível — sempre! — que a música fale pela música, limitemo-nos a apontar a relação entre as palavras da Virgem, o poema de Moreira das Neves e as divisões da partitura.

- I — PRELUDIO. Orquestra com solista de violino. Um primeiro tema reaparece por várias vezes no decorrer da obra e sobretudo no final.
- II — DO CEU A NAZARÉ. Refere-se às duas primeiras palavras de Nossa Senhora: *Como pode isto ser se eu não conheço varão?* (S. Lucas 1-34) e *Eis aqui a Escrava do Senhor! Faça-se em mim segundo a vossa palavra* (S. Lucas 1-40). É a Anunciação.
- III — KAREM: A CASA DO PROFETA. Refere-se à «terceira» e «quarta» palavras: na Visitação a S. Isabel e *Magnificat*. O tema deste cântico é tradicional, gregoriano, e é apresentado pelo trombone, repetindo-se depois com a voz declamando sobre a melodia.
- IV — CAMINHO DE JERUSALEM. A Virgem manifesta a dor pelo desaparecimento de Seu Filho, interrogando, angustiada, os caminhos, os poços, as fontes, as árvores e os ventos. Jesus discorria entre os doutores.
- V — HORA DO PRIMEIRO MILAGRE. (6.^a e 7.^a palavras). É a festa judaica das Bodas de Caná. Danças, cantos de sugestão oriental. Depois fala a Virgem: *Não têm vinho!* (S. João II-3) e depois — aos que serviam — *Fazei tudo o que Ele vos disser*. (S. João II-5).
- VI — O CANTICO DO SILÊNCIO (Epílogo). A Virgem assiste, sem uma palavra, ao drama imenso do Calvário.

Queremos deixar ao auditez todo o inesperado duma primeira audição, se bem que reconhecemos a utilidade duma análise musical pormenorizada. De resto a humanidade divinizada dessa grande Mãe, a sugestão das ambições tão diferentes de cada quadro e da letra do poema que fazem da parte vocal um tremendo trabalho de variegada expressão deverão surgir da própria música.

JOSÉ BLANC DE PORTUGAL

SOCIEDADE CORAL DE LISBOA

DIRECÇÃO:

ELISA DE SOUSA PEDROSO, LAURA WAQUE MARQUES, CONSUELO FERNANDEZ DE FREITAS, ANA BIERMAN DE BRITO ARANHA, DR. JOÃO SILVA SANTOS, RAUL SANTOS, ALVARO ANTONIO DA SILVA, CÉSAR VIANA E FREDERICO DE FREITAS

AFRICA CABRAL	VIOLANTE SERVAIS TIAGO
ALICE DA LUZ E SILVA DE FREITAS	ZITA VALADARES
ANS BIERMAN DE BRITO ARANHA	ALEXANDRE AFONSO MENDES GORDO
ADRIANA RODRIGUES	ALTINO MANUEL BAPTISTA DE ABREU
BEATRIZ VIZEU PINHEIRO SANTOS	ALBERTO MATOS RODRIGUES
BERTHA BLANC DE PORTUGAL	ALVARO ANTONIO DA SILVA
BERTHA BORGES	AMADEU BORGES
BERTHA CASTELO BRANCO CARDOSO	ANTÓNIO BARREIROS
CONSUELO FERNANDEZ DE FREITAS	ANTÓNIO FACHECO
ELVIRA MANUELA FERNANDEZ DE FREITAS	ARMANDO LOPES MORENO
EMA BRESOLIN	ARTUR NEVES
FERNANDA COELHO	BERNARDINO DA ROCHA PEREIRA
FILOMENA AREZ FERNANDEZ CABRERA	CARLOS CHARIE PINTO MOURÃO
GRACINDA GONÇALVES	CARLOS JOSÉ RODRIGUES
ILDA LUZ	CARLOS PEDREIRA DE BRITO
ISABEL REBELO	CÉSAR VIANA
JULIA MALHADO	EDUARDO FREIRE
JULIA PASSALAGUA	DR. FRANCISCO LOUREIRO DINIZ
JULIETA BOAVIDA SILVA SANTOS	FERNANDO PEREIRA
LAURA CORDEIRO	HENRIQUE DA COSTA MONTEIRO
MARTHA THOMAS	HELDER LUCENA CHAVES
MARIA BLANC DE PORTUGAL	JAIME DA SILVA
MARIA CARLOTA ANDRADE	JOÃO CARLOS TEIXEIRA
MARIA ESTRELA MONTEIRO	JOÃO PINTO BASTO DE SOUSA
MARIA GERMANA MEDEIROS	DR. JOÃO SILVA SANTOS
MARIA HELENA RODRIGUES COSTA	JOAQUIM RÉGO MARÇAL
MARIA HELENA SIMÕES PEREIRA	JORGE F. A. COSTA
MARIA HELENA SOARES DE ANDRADE	JORGE MEDEIROS
MARIA ILIDIA VALENTE	D. JOSÉ BLANC DE PORTUGAL
MARIA JUSTINA PEREIRA	JOSÉ ALVES PACHECO
MARIA DE LA SALLETE CARVALHO	JOSÉ MARIA BRITO MACEDO
MARIA LINA OLIVEIRA PEREIRA	JOSÉ DE OLIVEIRA CAMPOS
MARIA LUCINDA CARDOSO MORENO	MANUEL GONZAGA
MARIA LUIZA VIEIRA LISBOA	MARCIANO MENDONÇA
MARIA DA LUZ VALADARES BOAVIDA	NUNO TORRES COLAÇO
MARIA DA LUZ WASA DE ANDRADE	ORLANDO CAREPA
RACHEL DE MOURA DINIZ	PEDRO FERNANDEZ CABRERA
SARAH RAMALHETE	RAFAEL FERREIRA
VIOLANTE MONTANHA	RAUL SANTOS
	SALVADOR COSTA

SOCIÉTÉ GÉNÉRALE DE L'ÉCLAIRAGE

Le conseil d'administration a l'honneur de vous adresser ci-joint le rapport annuel de l'exercice 1947-1948.

Le rapport est divisé en deux parties : la première expose les résultats de l'activité de la Société pendant l'exercice et la seconde expose les perspectives de l'avenir.

Le conseil d'administration a l'honneur de vous adresser ci-joint le rapport annuel de l'exercice 1947-1948.

Le rapport est divisé en deux parties : la première expose les résultats de l'activité de la Société pendant l'exercice et la seconde expose les perspectives de l'avenir.